

**Português de Expressão Mirandesa:
contiguidade na aldeia de Avelanoso /
*Portuguese of Mirandese Expression:
contiguity in the village of Avelanoso***

Manuel Duarte João Pires
ORCID iD: 0000-0002-1242-5319
Sun Yat-sen University

Resumo: A análise do português falado na aldeia raiana de Avelanoso, concelho de Bumioso, revela várias similaridades entre este lococlecto e o mirandês, variedade ásturo-leonesa falada em quase todas as aldeias do concelho de Miranda de l Douro, com exceção de duas, Atenor e Teixeira, e em três aldeias do concelho de Bumioso, Bilasseco, Angueira e Caçareilhos (A. Ferreira, 2010). Com base em estudos sobre o mirandês, sobretudo no de Barros Ferreira (2001) acerca da situação e delimitação linguística, e numa abordagem metodológica qualitativa fundada em entrevistas recolhidas na referida aldeia, pretende-se verificar se os traços característicos e distintivos do mirandês se também se encontram no falar das gentes de Avelanoso. Neste artigo analisam-se as particularidades do falar desta comunidade do Nordeste Trasmontano através da preservação, reflexão e reconstrução da memória no contexto da história oral (Bosi, 2003). A análise revela que o português de Avelanoso — aldeia que, no passado, pertenceu ao território administrativo da Tierra de Miranda — apresenta vários traços considerados como sendo distintivos do mirandês. De acordo com os resultados, as afinidades e os vestígios descortinados — que não fizeram objeto de pesquisas anteriores — o presente estudo defende que efetivamente se falou mirandês nessa aldeia transmontana.

Palavras-chave: Português, Mirandês, Avelanoso, Mudança social e linguística.

Abstract: The analysis of the Portuguese spoken in the border village of Avelanoso, in the municipality of Bumioso, reveals several similarities between this lococlecto and Mirandês, an Asturian-Leonese variety spoken in almost all the villages in the municipality of Miranda de l Douro, except for two, Atenor and Teixeira, and in three villages in the municipality of Bumioso, Bilasseco, Angueira and Caçareilhos (A. Ferreira, 2010). Based on studies on Mirandese, especially on that of Barros Ferreira (2001) about the situation and linguistic delimitation

of Mirandese, and on a qualitative methodological approach based on interviews collected in the referred village, this work aims to understand at what level the aspects that distinguish the Mirandese from Portuguese can also be registered in the village of Avelanoso. This article analyzes the language particularities of this community in the Northeast of Trás-os-Montes through the preservation and reconstruction of memory in the context of oral history (Bosi, 2003). The analysis reveals that the Portuguese of Avelanoso —a village that, in the past, belonged to the administrative territory of Tierra de Miranda— present several traits considered to be distinctive of Mirandese. According to the affinities and traces not addressed in previous research, the present study argues that Mirandese was effectively spoken in this Trás-os-Montes village.

Keywords: Portuguese, Mirandese, Avelanoso, Social and linguistic change.

1. Introdução

O presente estudo centra-se no português falado em Avelanoso, uma aldeia em que antigamente se falou mirandês. Esta localidade do distrito de Bragança situa-se no limite nordeste do concelho de Bumioso, junto da raia com Espanha, a Norte, e da aldeia de San Martino, pertencente ao concelho de Miranda de l Douro, a Oeste. Trata-se de uma área geográfica com características sociais e linguísticas muito próprias onde convivem atualmente o português e o mirandês e onde existem entre eles vários elos e intercâmbios. Em termos de enquadramento teórico este artigo dialoga com o conceito de *mudança linguística*, respeitante à evolução que qualquer língua regista ao longo da sua história e às transformações que moldam a língua ao longo dos tempos devido a razões de natureza social, económica, política, geográfica e cultural (Mateus, 2003). As modificações registadas no plano linguístico surgem recorrentemente interligadas com a *mudança social* «no quadro das transformações sociais e culturais que se têm vindo a operar em Portugal» (Gouveia, 2008, p. 97). A metodologia aplicada nesta pesquisa é baseada em entrevistas realizadas a habitantes de Avelanoso para compreender as eventuais influências e frequências do mirandês no português usado por esta comunidade.

A literatura que refere a aldeia de Avelanoso como antigo território da Terra de Miranda e como espaço onde outrora se terá falado mirandês é profusa. O próprio nome da localidade é indicado como exemplo de um vocábulo mirandês devido à «conservação do -n- intervocálico» (Ferreira,



2001, p. 124). A anterior pertença de Avelanoso à área da Terra de Miranda é referida em vários estudos (Mourinho, 1987; 1993; Quarteu & Conde, 2002; Meirinhos, 2014; Alves & Barros, 2015; Ferreira, 2021). Mourinho (1993) defende que Avelanoso, tal como a totalidade do concelho de Bumioso, faz parte dos espaços históricos da Terra de Miranda. Na perspetiva de Meirinhos (2014), as localidades de «Vilar Seco, Caçarelhos, Angueira e Avelanoso, hoje do concelho de Vimioso, integravam no passado o concelho de Miranda do Douro» (p. 66). Esta informação está também patente no segundo volume da obra *Estudos de Philologia Mirandesa*, de José Leite de Vasconcellos, tal como se pode ler no seguinte excerto:

Chega o termo de Miranda ate o Vimioso partindo com Alcanizes ate aldea de Auellanoso de Miranda e Val de Frades do Vimioso. (...) Paradella, Infanes, Constantim, Cicoiro, Sam Martinho dAngueira, Auellanoso, todas estas aldeãs sã do termo de Miranda e vam partindo ao longo da raya com Alcanizes (Vasconcellos, 1901, p. 244).

Na época em que Leite de Vasconcellos elaborava os seus estudos, Avelanoso era ainda do termo de Miranda e não de Bumioso. De acordo com Meirinhos (2014), as fronteiras atuais da Terra de Miranda não correspondem aos seus limites medievais. Os limites recuaram, facto que se deve a alterações económicas, demográficas e sociopolíticas e ao fortalecimento do poder central. A aldeia de Avelanoso é hoje considerada um dos limites da atual Terra de Miranda:

O território proposto tem como limites naturais: a Este o rio Douro, a Oeste o rio Angueira, a Norte, as elevações da Senhora da Luz, Cicouro e Avelanoso, a Sul a delimitação da Terra Mirandesa não é tão clara, pois não existe nenhuma barreira natural que a divida do espaço sob jurisdição de Mogadouro (Meirinhos, 2014, p. 41).

Em relação ao uso (no passado) da língua mirandesa em Avelanoso, salienta-se a referência presente no estudo de Mourinho (1987) acerca da área mais vasta que o mirandês anteriormente ocupava:

(...) por volta de 1967 ainda se falava o mirandês na aldeia de Caçarelhos, no concelho de Vimioso e há mais tempo falava-se, nesse mesmo concelho, nas aldeias de Avelanoso, São Joanico, Vila Chã da Ribeira, Serapicos e Campo de Víboras. (Mourinho, 1987, p. 77).

No primeiro volume da anteriormente referida obra de Leite de Vasconcellos, são diversas as referências a Avelanoso como espaço onde se falava mirandês. Por exemplo, no prólogo o autor dedica os seus



agradecimentos ao Padre Francisco Meirinhos, Reverendo Reitor de Avelanoso, por lhe ter enviado textos dialetais e poesias em mirandês, assim como ao senhor Pires Avelanoso «que da pátria tomou o segundo dos apelidos que usa e coligiu-me alguns vocábulos de lá» (Vasconcellos, 1900, p. IX).

No que respeita à expressão cultural e artística mirandesa, a literatura de especialidade também faz menção a Avelanoso. Na pesquisa de Gonçalves (2000) que inventaria as peças de Teatro Popular Mirandês representadas na Tierra de Miranda, pode verificar-se que quatro destas peças teatrais, popularmente conhecidas como *Cascos*, integram textos datados das primeiras décadas do século XX que foram recolhidos em Avelanoso. Os referidos *Cascos* intitulam-se: *Auto da redenção do género humano*, *A tragédia do Marquês de Mântua ou Auto de valdevinos*, *A verdadeira tragédia do Diabo*, e *O arrenegado de França*. Além do Teatro Popular Mirandês, o nome de Avelanoso está também presente na música mirandesa. O trabalho de investigação de Meirinhos (2014) aborda os elementos artísticos das danças dos paus, denominados *laços*, compostos pelos «diferentes movimentos coreográficos, acompanhados por música e letra do repertório dos grupos de pauliteiros» (p. 74). Segundo o autor, um destes famigerados *laços* que, entretanto, se perdeu, deixando de ser interpretado, designava-se «La Fiesta de Avelanoso» (p. 75).

Apesar da recorrência na literatura dedicada à história e à etnografia mirandesa, não existem pesquisas centradas em Avelanoso com o intuito de determinar os vestígios que o mirandês deixou no português falado nesta aldeia. O presente estudo pretende preencher essa lacuna focando-se no falar das gentes desta aldeia. No seio das variedades regionais da língua, o falar representa um registo limitado (do ponto de vista medial) à comunicação oral, «possuindo traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertence e cujos usos estão delimitados a pequenas circunscrições geográficas» (Cunha & Cintra, 2002, p. 4). Neste trabalho analisam-se as particularidades do falar da acima referida comunidade do Nordeste Trasmontano através da preservação e reconstrução da memória no contexto da história oral.

2. A história oral e a reconstrução da memória

A recolha de testemunhos deste estudo insere-se no campo da história oral, que consiste na realização de pesquisa histórica por meio de entrevistas entre um narrador com experiência pessoal significativa e um entrevistador informado, com o objetivo de contribuir para o registo histórico (Le Goff, 2003). A subjetividade é uma das características mais reconhecidas da história



oral, porque tal história não se destina a apresentar uma narrativa final ou objetiva, mas a refletir a opinião pessoal oferecida pelo narrador. Na visão de Penna (2005) a investigação histórica recolhe elementos subjetivos e complexos, os quais se inserem num «sistema de experiências coletivas, constituintes do grupo ou comunidade» (p. 97). A história oral permite compreender as subjetividades, trazendo para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades, constituindo uma oportunidade de aliar avanços da ciência com a capacidade de ponderar sobre o mundo no tempo presente para validar algumas experiências que não estão validadas em documentos escritos (Meihy & Holanda, 2007).

Em história oral, grande parte dos pesquisadores prioriza o que contam as pessoas com mais idade, a partir das suas trajetórias de vida, dos acontecimentos do seu tempo e da forma como vivem, pensam e sentem essas experiências (Bosi, 2003; Perazzo, 2015). A história oral implica um trabalho sobre o tempo vivenciado, envolvendo as várias dimensões presentes em cada época — sociais, culturais, económicas, entre outras — e o modo como o indivíduo experiencia e interpreta essa realidade. Neste âmbito, os estudos em torno da memória histórica debruçam-se sobre o tempo vivido e «lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado» (Bosi, 2003, p. 17).

Este estudo pretende veicular uma visão reflexiva e reconstrutiva, de modo a fomentar a transmissão e a viabilidade da história oral para aprofundar conhecimentos sobre mudanças sociolinguísticas no contexto do Nordeste Trasmontano.

3. Metodologia

A metodologia qualitativa desde estudo funda-se na entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa para coletar dados em interação entre pesquisador e informantes. Segundo Gil (2008), a entrevista possibilita ao pesquisador entender melhor os aspetos que a sua experiência empírica e os seus conhecimentos teóricos não podem descortinar.

No âmbito desta pesquisa, além do contacto com várias pessoas da aldeia para recolha de informação, procedeu-se a entrevistas em mesa-redonda com cinco pessoas, todas com mais de 70 anos, cujos testemunhos ajudam a compreender, numa perspetiva diacrónica, as particularidades linguísticas do falar de Avelanoso partilhadas com o mirandês, ou seja, as marcas que esta variedade ásturo-leonesa deixou no português desta aldeia trasmontana. As questões das entrevistas estiveram centradas nos traços distintivos da língua mirandesa delineados por Ferreira (2001), além de outras particularidades do



mirandês presentes em vários estudos como os de Vigón (2000), Quarteu e Conde (2002) ou Merlan (2009). As entrevistas decorreram em torno desses traços e peculiaridades do mirandês (que serão dadas a conhecer mais adiante) para compreender, junto dos entrevistados, a sua eventual presença no português falado em Avelanoso.

As questões, ou tópicos, foram colocadas de forma aberta e respondidas de forma livre e informal, enquanto o entrevistador anotou as declarações e posteriormente organizou as respostas, promovendo uma avaliação global e qualitativa. Os entrevistados trocaram abertamente as suas opiniões sobre os tópicos e as perguntas seguiram um guião semiestruturado para dar liberdade aos entrevistados sem fugir muito do tema e recolher «informações intensivas centradas num indivíduo ou pequeno grupo que sem limites de tempo ou com ampla liberdade, expõe os seus pontos de vista» (Sousa & Baptista, 2000, p. 81).

As entrevistas foram realizadas em conjunto e de forma presencial, em Agosto de 2019, tendo sido recolhidas as opiniões individuais dos informantes, mas também as impressões trocadas em modo de mesa-redonda. O grupo de entrevistados foi composto por dois indivíduos do sexo feminino (Maria, 74 anos; Jacinta, 75 anos) e três do sexo masculino (António, 72 anos; Carlos, 71 anos; João, 74 anos) já retirados da vida laboral, mas que anteriormente desempenharam funções profissionais enquanto professores do ensino primário, elementos das forças de segurança e profissionais de saúde. Embora alguns entrevistados tenham sido mais participativos que outros, verificou-se convergência relativamente aos argumentos e às informações apresentadas. A realização deste estudo teve em consideração o respeito por princípios éticos, nomeadamente, no que concerne à permissão dos participantes para a obtenção de dados, bem como o tratamento dos mesmos de forma equilibrada, de acordo com as boas práticas científicas.

Tendo em conta as teorias de Gil (2008), pode-se considerar que esta pesquisa tem uma dimensão também etnográfica por efetuar o estudo de um grupo ou povo através da interação social entre pesquisador e «objeto» (o respetivo grupo) pesquisado, na qual uma das partes pretende obter dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Tratou-se de uma entrevista informal que permitiu um diálogo mais demorado e aprofundado sobre o tema investigado. Nas citações diretas os entrevistados serão identificados pelo nome com o qual acordaram ser referidos e pela respetiva idade.

Seguidamente, apresentam-se os principais resultados, destacando-se as declarações ou depoimentos mais expressivos ou ilustrativos dos entrevistados.



4. Presença do mirandês no português falado em Avelanoso

4.1. Traços distintivos do mirandês em relação ao português e sua presença no falar de Avelanoso

O primeiro resultado a destacar é que entre os habitantes da aldeia não há memória de alguma vez se ter falado mirandês na aldeia. Ou seja, apesar da literatura referir tal ocorrência, os entrevistados, nascidos nas décadas de 40 e 50 do século XX, revelam não ter conhecimento de que se tenha falado mirandês ou que esse alguma vez tenha sido um tópico abordado, mesmo entre as gerações anteriores à sua. Os participantes declaram que Billasco, Angueira e Caçareilhos são as únicas aldeias do concelho de Bumioso que eles associam ao mirandês. Segundo os informantes, enquanto em Angueira ainda demonstra vitalidade, em Caçareilhos o mirandês encontra-se em franco desaparecimento ao contrário do que acontecia há poucas décadas.

Em seguida, pretende-se determinar se os principais traços do mirandês — enumerados por Ferreira (2001) — que o individualizam em relação ao português se documentam também no falar de Avelanoso. Estes traços consistem em aspetos «fonológicos, morfológicos e lexicais que distinguem o mirandês e que demonstram a sua individualidade, feita da combinação de traços das línguas vizinhas com traços que lhe são privativos» (Ferreira, 2001, p. 123).

4.1.1. Traços fonológicos e fonéticos

a) Preservação de /n/ e de // intervocálicos em palavras herdadas do latim: além do nome da aldeia foram recolhidas poucas palavras que preservam as consoantes entre vogais nos étimos de origem latina. Entre estas, as exceções são *Quintana* e *Palombar* (zonas do termo da aldeia), *lampiana* (parte mais seca de um lameiro ou prado). Registam-se ainda palavras de origem não latina que também parecem seguir este traço, tais como *canhona(s)*, palavra usada vulgarmente para designar as ovelhas. No termo da aldeia, isto é, na circunvizinhança da área habitacional, existem zonas chamadas *Faleital*, *Faleitalão* ou *Calabaça*.

b) Existência dos ditongos crescentes [je] e [wo]: este traço não se verifica, os ditongos crescentes parecem não ser próprios do falar de Avelanoso.

c) Existência da consoante lateral palatal [ʎ] (ortografiada <lh> em mirandês) no início da palavra, proveniente da palatização de // inicial do latim: este traço também não caracteriza o português falado em Avelanoso. A única palavra encontrada com estas características e que, embora não derive



do latim, faz parte do léxico mirandês é *lhonas* que pode significar ‘histórias’, ‘contos’, ‘anedotas’, ‘tretas’, etc. Algumas expressões com este termo, tais como *isso são lhonas* ou *tu e as tuas lhonas*, eram comuns no passado. Refira-se ainda que embora este traço seja distintivo do mirandês, existem algumas zonas de fala mirandesa onde não ocorre, como é o caso da vila de Sendim. No sendinês «a apalatalização em /ɲ/ de /l/ latino inicial, não se dá, sendo essa a característica que o localiza como um subdialeto do Mirandês» (Ceolín, 2002, p.70).

d) Tendência para evitar as vogais altas átonas em inicial absoluta (por exemplo, mir. *einemigo, oubedecer* vs. pg. *inimigo, obedecer*): este aspeto não foi descortinado, não se regista no falar desta aldeia.

e) Redução de *des-*, no início de palavras de origem latina e de outras origens, a uma consoante sibilante, surda (/z/) ou sonora (/s/) (cf. mir. *znudo, çcalçar* vs. pg. *desnudo, descalço*): os entrevistados revelaram que antigamente em palavras como *descascar, descansar* ou *destapar*, se costumava reduzir a primeira sílaba (*des-*) à consoante sibilante [s] (ortografada nos exemplos seguintes <ç>): *çcascar, çcansar, çtapar*. Esta consoante sibilante [s] ouvia-se também no final de algumas palavras em vez de [ʃ] como *capaç* ou *rapaç* em vez de *capaz* ou *rapaz*. A consoante sibilante no final das palavras foi considerada mais comum, sendo que ainda se pode ouvir nos dias de hoje.

4.1.2. Traços morfológicos e sintáticos

a) Artigo definido masculino ‘l’ em vez de ‘o’: não há registo do uso de ‘l’ (talvez com a exceção do artigo no nome de algumas *urretas*, como se poderá observar mais adiante).

b) Pronome pessoal *you* e pronomes possessivos *miu, mie, ton, son*, etc.: também não se regista o uso destes pronomes, nem no presente nem anteriormente.

c) Utilização de *vós* como forma de tratamento respeitosa para uma ou mais pessoas: o uso do pronome *vós* era bastante comum até há poucas décadas, encontrando-se agora em declínio. Os participantes revelaram que usavam quotidianamente o pronome *vós* para se dirigirem aos pais (ao pai ou à mãe de forma individual), aos tios ou avós, assim como à generalidade das pessoas mais velhas da aldeia com quem tinham proximidade. O voseio, uso do pronome *vós* como forma de tratamento para uma pessoa, é uma peculiaridade do falar de Avelanoso cujo uso é cada vez mais raro e dirigido às pessoas de mais idade da aldeia. Segundo Pires (2021), o voseio usado em



Avelanoso é hoje pouco mais do que a reminiscência de um passado na iminência de acabar:

Este voseio contém em si uma mistura única de familiaridade e reverência, de intimidade e respeito, de afetuosidade e consideração, de proximidade e distância, enquanto tratamento formal para relações próximas e informais. Como tal, o decair do voseio representa também o esvaecer do tratamento de formalidade dentro da informalidade expresso nas relações familiares e comunitárias em língua portuguesa (Pires, 2021, p. 6713).

d) Utilização de *se* em vez da forma *le* do pronome objeto indireto: a presença deste traço distintivo não foi encontrada.

e) 3ª pessoa do pretérito perfeito em *-o* (mir. (el) *puso, fizo, dixo*): os argumentos na discussão sobre este tópico dividem-se. Alguns participantes afirmaram que antes se poderia usar *puso* ou *fizo* enquanto outros relataram as formas *puzio* ou *fizio*. De qualquer das formas foi considerado em desuso atualmente. Em relação ao pretérito perfeito, verifica-se também no falar de Avelanoso a «interferência na flexão verbal» (Alves e Barros, 2015, p. 429) típica do mirandês, sobretudo na 2ª pessoa do plural, em construções como *nós andemos* (em vez de *andámos*); *cheguemos* (em vez de *chegámos*); *entremos* (em vez de *entrámos*); *comimos* e *bebimos* (em vez de *comemos* e *bebemos*). Esta flexão verbal ainda se pode identificar por entre algumas pessoas das gerações mais seniores.

f) Género diferente de algumas palavras mirandesas em relação às palavras correspondentes em português (por exemplo, mir: *l fiebre, la calor, la risa, la sangre, la fin* vs. pg. *a febre, o calor, o riso, o sangue, o fim*): foram encontradas apenas duas palavras que se poderão incluir nesta definição, *a risa* e *a canal*. A expressão *dar a risa* (ex.: *está-te a dar a risa*, em vez de *estás-te a rir*) foi considerada ainda comum. A palavra *canal*, do género feminino, com o sentido de leito de um rio ou ribeiro, também faz parte do falar de Avelanoso.

g) Possibilidade de construção de frases negativas com negação através do indefinido negativo (ex.: «aspero que steia bien i tenga agarrado ningua delor de cabeça»): esta característica não foi identificada em Avelanoso.

4.1.3. Traços lexicais

a) Existência de um conjunto de advérbios e locuções características do mirandês (mir. *ende, alhá, aquina, a soutro die, a la purmanhana*, etc. vs. pg. *por volta de, lá, aqui, noutro dia, amanhã de manhã cedo*): a única locução presente no falar de Avelanoso é *a pormanhã* que parece advir de *a la*



purmanhana. Esta locução outrora comum, mas considerada em desuso nos dias de hoje, significa «amanhã de manhã cedo».

b) Nomes de lugar constituídos por dois substantivos (com ou sem artigo entre eles) e inexistência da preposição *-de-* nos topónimos compostos por nome + determinante nominal: é na toponímia de Avelanoso que se denota uma influência mais clara do mirandês. No termo da aldeia existem locais chamados *Prado Malhadas*, *Prado Afonso* e *Vale Madeiro*, além de *Urreta la Sarça*, *Urreta las Cervas* ou *Urreta la Fonte*, entre outros, que serão abordados posteriormente nesta pesquisa, constituídos por dois substantivos e sem a presença da preposição.

c) Palavras peculiares do mirandês como *ourrieta*, *culaga*, *faleitos*, *scoba* ou *rocos*: a maioria destas palavras são de uso comum e quotidiano no português falado em Avelanoso, tal como se poderá verificar mais adiante neste estudo na parte dedicada à análise mais pormenorizada de vocábulos e expressões.

d) Presença do sufixo *-ico*: este diminutivo, frequente em mirandês (e ao qual, no português, corresponde *-inho*), é de uso corrente também no falar de Avelanoso. Exemplo disso são palavras usadas em Avelanoso como *passarico*, *copico*, *garotico*, *Joãozico*, *Isabelica*, *cachico* (bocadinho) ou *tantico* (pouquinho), este último ilustrado com a seguinte frase *não quero tanto, dá-me só tantico*. Este diminutivo aparece em substantivos que denominam seres humanos, pássaros, objetos, etc., bem como em nomes de pessoase, inclusive, nos topónimos da aldeia (*Portelica*, *Malhadica*, *Eiricas*).

e) Presença do micro-topónimo *Urrieta* (entre outros, *Culaga*, *Marra* e derivados de *Scoba*): a toponímia de Avelanoso demonstra evidente contiguidade e influência do mirandês. Neste âmbito, um dos resultados mais expressivos deste estudo é a quantidade de topónimos que incluem a palavra *urreta*, considerada por vários autores como um dos termos mais singulares do mirandês (Ferreira, 1995, 2001; Ceolín, 2002; Quarteu & Conde, 2002; Santana, 2007; Ferreira, 2021). Segundo os testemunhos dos entrevistados, nesta aldeia contam-se os seguintes topónimos com esta palavra: *Urreta la Fonte*, *Urreta las Cervas*, *Urreta l'Inferno*, *Urreta Girão*, *Urreta l'Gato*, *Urreta la Sarça*, *Urreta das Musgas*, *Urreta de Vale Madeiro*, *Urreta dos Navalhos*, *Urreta da Malhadica da Borda*, *Urreta Funda*, *Urreta do Faleitalão*, *Urreta de Belhorigo*, *Urreta da Calabaça*, *Urreta do Vale d'Abadia*, *Urreta da Guirona*, *Urreta de Sobrião* e *Urreta das Três Marras*. Estes topónimos correspondem a diferentes zonas do vasto termo da aldeia.

É interessante verificar que muitos destes topónimos que incluem o vocábulo *urreta* parecem ter estruturas morfossintáticas claramente do



mirandês. O significado desta palavra nem sempre parece muito exato como se pode ler no seguinte excerto:

Na micro-toponímia mirandesa sobressai, pela sua grande frequência relativamente a qualquer outro topónimo, a palavra *ourrieta*, que designa um pedaço de terra. Segundo uns, trata-se de uma terra húmida, de pastagem, segundo outros, de uma concha de terra arável e segundo outros, de um vale. É, pois, um nome que se aplica a terras de vários tipos, em geral associadas à abundância agrícola ou à pastorícia. Por outro lado, é uma tradição local o considerar-se a palavra *urrieta* como um legado pré-românico na região (Ferreira, 2001, p. 127-128).

Dado que várias fontes fazem referência a este vocábulo, mas não são muito expansivas na explicação do mesmo, o autor deste estudo tentou compreender melhor o significado desta palavra na perspetiva dos entrevistados. Segundo estes, sugere ser um terreno com uma linha de água, pouco funda, ou seja, uma área onde passa um curso de água antes de se tornar um ribeiro, particularmente propícia para a agricultura dado o seu teor produtivo:

Esta aldeia tem várias urretas e ribeiros. Antigamente as pessoas diziam, por exemplo: «-Tenho uma terra na Urreta das Musgas? —Mas é onde?— É mesmo na Urreta». É uma linha de água que desce sem afundar. Quando afunda já não é urreta, mas ribeiro. A água vai cavando e as encostas ficam mais íngremes e já não é uma urreta. Se a linha de água não afunda muito pode chamar-se urreta. A mesma linha de água pode ter várias urretas. (António, 72 anos).

Um outro participante sugeriu uma explicação mais *suis generis* para este termo, associando a morfologia do terreno à forma da letra *U*:

Para mim é uma linha de água com pouca profundidade e com a forma da letra *U*. A linha de água é superficial e forma uma pequena barriga em forma de *U*, um pequeno arco ou como uma ferradura mais aberta. Quando tem declives mais acentuados, afunda e torna-se um ribeiro (Manuel, 74 anos).

A aldeia de Avelanoso é pródiga em *urretas*, palavra que parece referir a parte mais superficial dos cursos de água, em particular, e a área onde estes cursos se situam, de forma mais geral. É pertinente referir ainda que existem também na fala desta aldeia os topónimos Três Marras e Marrão referentes a zonas situadas no termo da aldeia. Existe ainda uma zona chamada *Praineiras*, que poderá configurar um exemplo de rotacismo (plano > prano) à semelhança do que acontece no mirandês (*Praino Mirandês*).



A seguinte tabela que sumariza os resultados abordados anteriormente:

Tabela: Traços distintivos da língua mirandesa em relação ao português normativo (Ferreira, 2001) e o português falado em Avelanoso.

Língua mirandesa	Português falado em Avelanoso
a) Preservação de /n/ e de // intervocálicos dos étimos latinos.	(+) Na toponímia (<i>Avelanoso, Quintana, Palombar</i>). Além de outras palavras não latinas como <i>Calabaça, Faleital, canhona, lampiana</i> .
b) Existência de ditongos crescentes [je] e [wo].	(-)
c) Existência de [ʎ] no início da palavra, proveniente da palatização de // inicial.	(-) à exceção do vocábulo <i>lhonas</i> .
d) Tendência para a inexistência de vogais altas átonas em inicial absoluta.	(-)
e) Redução de <i>des-</i> no início de palavra a uma consoante sibilante, surda ou sonora.	(+) No final de algumas palavras ainda se poderá verificar o uso de uma consoante sibilante por alguns falantes <i>rapaç; capaç, tenaç, etc.</i>
f) Artigo definido masculino reduzido a <i>-l</i> .	(-)
g) Pronome pessoal <i>you</i> e pronomes possessivos <i>miu, mie, ton, son, etc.</i>	(-)
h) Utilização de <i>vós</i> como forma de tratamento respeitosa.	(+) uso cada vez mais reduzido.
i) Utilização de <i>se</i> em vez da forma <i>le</i> do pronome objeto indireto.	(-)
j) 3ª pessoa do pretérito perfeito em <i>-o</i> : <i>el puso, fizo, dixo</i> .	(+) em desuso.
k) Género diferente em algumas palavras.	(+) <i>a risa</i> ou <i>a canal</i> .
l) Advérbios e locuções diferentes.	(+) Apenas <i>a pormanhã</i> , em desuso.
m) Nomes de lugar constituídos por dois substantivos (com ou sem artigo) ou inexistência da preposição <i>-de-</i> nos topónimos.	(+) <i>Vale Madeiro, Prado Afonso, Prado Malhadas, Urreta Girão, Urreta la Fonte, Urreta las Cervas, Urreta la Sarça, etc.</i>
n) Construção de frases negativas com negação através do indefinido negativo.	(-)
o) Palavras peculiares do mirandês.	(+) <i>urreta, escoba, marra, pastorica, etc.</i>
p) Presença do diminutivo <i>-ico</i> .	(+) de uso muito comum.
q) Aparecimento do micro-topónimo <i>Urrieta</i> .	(+) muito abundante.

Legenda: (+) sim, ocorre ou verifica-se / (-) não, não marca presença ou não se verifica.

Fonte: Elaborado pelo autor.



Dos 17 traços distintivos do mirandês em relação ao português, pode-se contabilizar a presença de 10 no falar português de Avelanoso, correspondente a cerca de 60%. Atente-se, no entanto, para a decadência ou o uso cada vez mais ténue de grande parte destas particularidades linguísticas.

4.2. *Vocábulos e expressões de origem mirandesa no falar de Avelanoso*

Para além dos referidos traços distintivos, «há toda uma série de palavras que costumam ser citadas pelas pessoas que querem dar a conhecer a excentricidade da língua mirandesa» (Ferreira, 2001, p. 123). Além de *ourrieta*, a autora refere-se aos vocábulos *culaga*, significando uma parcela de terreno, *faleitos*, para ‘fetos’, *scoba*, para ‘giesta’, e *rocos* para ‘cogumelos’.

Todos os participantes revelaram desconhecer a palavra *culaga*, afirmando que nunca tinham ouvido este termo. Pelo contrário, os outros vocábulos são de uso corrente nesta aldeia que conta no seu termo com zonas denominadas *Faleital* e *Faleitalão*, ou seja, locais férteis em *faleitos*. A palavra *escoba* também é comumente usada para definir a planta arbustiva, assim como *rocos* para os cogumelos. As opiniões divergiram em relação ao significado desta última. Alguns participantes explicaram que o termo *rocos* não é o sinónimo geral de cogumelos, mas de um tipo específico de cogumelo silvestre de entre os vários que se podem encontrar na região. De outro modo, alguns disseram desconhecer esta aceção mais particular: «para mim *rocos* eram todos os cogumelos. Quando íamos com o gado, em criança, os pais diziam-nos para não deixarmos os animais comer os *rocos* vermelhos por serem venenosos» (Manuel, 74 anos).

Na senda destas palavras características do mirandês, Ferreira (2001) apresenta dezasseis palavras sobre plantas bravas e pequenos animais, pássaros e insectos nas quais se «detectam diferenças entre o mirandês e o português normativo» (Ferreira, 2001, p. 131). São as seguintes em português: *unhagata*, *tanchagem*, *cogumelo*, *feto*, *giesta*, *hera*, *dente-de-leão*, *bugalho*, *sabugueiro*; *cão*, *uivar*, *poupa*, *traça*, *pirilampo*, *cigarra* e *aranha*.

No falar de Avelanoso, somente duas destas palavras diferem do equivalente mirandês que a autora descreve: *tanchagem* (mir. *lhenguarda* ou *lingueira*) e *cigarra* (mir. *chicharra*). Nesta aldeia, a planta conhecida como *tanchagem* é denominada de *lampaça*: «as *lampaças* dão-se junto à água ou sítios húmidos. Eram usadas como as malvas, fervidas em água bem quente para curas e desinfecções.» (Maria, 74 anos). A segunda palavra, é exatamente a mesma que em português normativo, *cigarra*, embora dois entrevistados tenham recordado que este insecto também era chamado de *preguiça*, quiçá pela influência do conto popular da *cigarra* e da formiga.



As restantes palavras seguem o padrão do mirandês mencionado pela autora. A planta invasiva ‘unhagata’ também é conhecida como *gatunha*: «as *gatunhas* eram um problema na segada, ao segar ou a atar o pão, porque picavam muito.» (António, 72 anos). Tal como em mirandês, a planta ‘hera’ chama-se *hedra* (há inclusive uma zona do termo da aldeia com este nome, *Hedra*). Quanto ao ‘dente-de-leão’ também é chamado de *leitarega*, tal como explica um dos entrevistados: «são plantas leitosas que se dão em terrenos com pouca acidez. Onde haja *leitaregas* há menos acidez. Antigamente as pessoas conheciam os tipos de terreno pela plantas que lá se davam.» (Carlos, 71 anos). O ‘bugalho’ também tem o nome de *bulhaca* (ou *bulhaco* quando pequeno) e o ‘sabugueiro’ designa-se *caneleiro*, tal como em mirandês.

Quanto aos nomes dos animais, pássaros e insectos, os participantes informam que os ‘cães’ ainda hoje se designam por *perros*. O verbo *uliar* parece estar em desuso, ao contrário de antigamente: «às vezes dizia-se, esta noite *uliar*am muito os lobos.» (Maria, 74 anos). O pássaro que tem por nome ‘poupa’ em português normativo, também aqui se chama *bubela* ou *bubelo* para as suas crias. Segundo explicaram, antigamente empregava-se a expressão *cheirar mal como um bubelo*. Dado que estes pássaros fazem o ninho em tocas ou buracos dentro dos troncos, costumam acumular lixos ou bichos, adquirindo por isso um odor bastante desagradável. A palavra para ‘traça’ também é *pulela*, assim como *pastorica* para pirilampo. Acerca do nome *pastorica* para nomear este insecto, foi formulada a seguinte explicação: «quem alumia é a fêmea, e eram os pastores que as costumavam ver quando voltavam com o gado para casa já de noite ou quando pernoitavam nos lameiros durante o verão com o gado. Faziam companhia e iluminavam o caminho aos pastores.» (António, 72 anos). Por último, em mirandês ‘aranha’ é por norma referida como *aranhão*, tal como no falar de Avelanoso onde se utiliza *aranhão* e *aranhiço*. A palavra *aranhão* pode servir também para descrever as características de determinado indivíduo, significando que é alguém desajeitado ou desengonçado.

É interessante verificar não só a presença destes vocábulos no português de Avelanoso, mas também diversas expressões que lhes estão associados, pois ambos faziam parte do quotidiano destas gentes.

A lista das palavras próprias do mirandês é alargada por Ferreira (2021) com outras duas: *marra* e *xara*. A palavra *marra* é muito comum no português falado em Avelanoso porque existe uma zona do termo na raia com Espanha chamada *Três Marras*. As *Três Marras* marcam os limites de três localidades, as aldeias de Avelanoso e de San Martino, bem como da vila espanhola de Alcañices. As *marras* são pedras grandes usadas para definir os limites das localidades: «eu sei onde estão duas *marras* que definem o limite do termo de



Avelanoso com Angueira e com Serapicos. Sei que há outra com Vale Frades, mas não sei bem onde fica.» (Carlos, 71 anos). Foi também lembrado que existe uma zona do termo da aldeia que se chama *Marrão*, o que poderá sugerir a existência de uma marra de dimensões maiores. Em relação ao vocábulo *xara*, este nunca foi utilizado em Avelanoso, segundo os participantes. No entanto, todos revelam conhecer o significado desta palavra: «*Xara* é o mirandês para ‘esteva’. Aqui dizemos ‘esteva’.» (Carlos, 71 anos).

No estudo de Quarteu e Conde (2002), os autores referem a expressão *Buonos dies bos l dé Dius* (p. 91), afirmando ser uma forma de cumprimento usual no mirandês. A versão portuguesa desta expressão era muito comum no quotidiano de Avelanoso. Segundo os entrevistados, as pessoas diziam *Bons dias vos dê Deus*, à qual era habitual retorquir-se *Deus vos dê bons dias*. Contudo, o uso atual desta expressão é considerado raro ou em declínio: «às vezes quando telefono aos meus irmãos cumprimentamo-nos dessa forma: *Bons dias vos dê Deus, Deus vos dê bons dias*. Fora disso, poucas vezes uso.» (António, 72 anos).

Existem outros vocábulos pertencentes ao léxico do mirandês, mas que já deixaram de fazer parte das palavras utilizadas em Avelanoso. É o caso do advérbio *mui* (muito), do adjetivo *guapo* (bonito), do pronome *el* (*ele*), entre vários outros como os nomes de plantas e animais autóctones (*rumiacos*, *rubialva*, *chinha la raiz*, etc.) que se manifestam apenas de forma muito intermitentemente pela voz dos falantes mais seniores da aldeia.

Esta análise permite verificar que existe uma *excentricidade* e contiguidade vocabular entre o mirandês e o português falado em Avelanoso. Esta aldeia, apesar de ter sido tomada pelo português continuou a utilizar vocabulário mirandês para referir idênticas realidades socioculturais e semelhantes aspetos da fauna e da flora local. Esta expressão de realidades e vivências comuns ou partilhadas era feita através de uma base lexical mirandesa ainda hoje presente, como baixo-relevo, na língua portuguesa. No entanto, devido às transformações sociais e linguísticas das últimas décadas, tais vocábulos e expressões tenderão a desaparecer com celeridade.

5. Português de expressão mirandesa

As marcas de expressão mirandesa que ainda se podem encontrar no português falado na aldeia de Avelanoso não são fruto de uma circunscrita herança de um determinado povo ou período histórico, tal como representou o latim para as tribos primordiais da Península Ibérica ou as línguas dos colonizadores, como o português, para as populações dos então novos territórios explorados pelos povos europeus (Teyssier, 1997). Neste caso



específico, trata-se de uma secular contiguidade linguístico-cultural que se foi desvanecendo devido a questões políticas e administrativas de ordenamento do território. Avelanoso é uma aldeia limítrofe do atual concelho de Miranda de l Douro, ao qual pertenceu anteriormente. A realidade destas comunidades é semelhante em termos das vivências e do perfil socioeconómico, nas quais as representações culturais ou a condição raiana fazem parte de um contínuo próprio do extremo-nordeste de Trás-os-Montes. As fronteiras administrativas que se foram redefinindo terão tido a consequência de provocar um afastamento linguístico (que não afetou a comunicação e a relação entre estas aldeias) e de fazer recuar o mirandês. Esse recuamento não deverá ter encontrado atrito ou embargo, na medida em que não existia nesses tempos a proteção do enquadramento político-linguístico que se verifica hoje, nem sequer a assunção do mirandês enquanto valor maior de uma determinada identidade social e cultural. Se esta abordagem afirmativa e protetora não ocorria sequer nas comunidades que hoje são mais veementes na preservação e promoção do mirandês, certamente também não se verificaria nas localidades que se encontravam nas cercanias do planalto mirandês e, então, colocadas fora da região administrativa da Tierra de Miranda, como foi o caso de Avelanoso.

Os elementos entrevistados entre as gerações mais seniores de Avelanoso revelam que o mirandês nunca foi considerado uma língua estranha ou diferente, pois sempre houve uma intercompreensão no contacto quotidiano com as aldeias vizinhas, das quais se destacam, San Martino, Angueira ou Caçareilhos. Uma das maiores festividades anuais da Tierra de Miranda, a Festa do Naso, celebrada anualmente em Setembro na localidade da Pruoba, constituía também a principal romaria para as gentes de Avelanoso. Os entrevistados relataram que todos os anos, com o aproximar desta celebração, os pais costumavam dizer aos filhos que andavam a trabalhar na lavoura «anda que hás de ir ao Naso». Esta frase era uma forma de os motivar para os trabalhos no campo através da visualização prazerosa da grande festividade que se aproximava. Toda esta partilha e contiguidade de referências e costumes está expressa no falar português de Avelanoso.

A acentuada influência mirandesa encontra-se plenamente integrada no português falado em Avelanoso, pelo que não se trata de uma variante do mirandês, mas de um falar com as suas características e matizes que se manifestam na oralidade e se encontram delimitadas a pequenas circunscrições geográficas (Santos, 1967; Cunha & Cintra, 2002). O falar de Avelanoso revela um exemplo de glotofagia em que uma determinada língua desaparece parcial ou totalmente às mãos de outra (Calvet, 2005). No caso,



um pós-mirandês absorvido pelo português cujas marcas ainda se podem descobrir sob a pele dominante da língua maioritária ou glotofágica.

De acordo com o histórico literário iniciado por Leite de Vasconcellos e com os argumentos brandidos de forma mais veemente por António Martinho, mencionando a presença do mirandês na aldeia de Avelanoso num passado distante, o presente estudo, na medida das suas limitações, corrobora essa ideia, defendendo que efetivamente se falou mirandês nesta localidade, razão pela qual os seus ecos e vestígios chegaram até aos dias de hoje.

Quanto à delimitação temporal desse uso, entende-se ser um tema de difícil definição. As pessoas de mais idade da aldeia (acima dos 70 anos) não se recordam de alguma vez se ter falado mirandês na aldeia ou de ter sido sequer um assunto mencionado nas conversas, nem mesmo pelas gerações dos seus pais ou avós, estes últimos nascidos em pleno século XIX.

Sobre esta questão, podem-se formular duas perspetivas: primeiro, apesar da dificuldade em definir com exatidão o período temporal em que se deixou de falar mirandês, a verdade é que muitos destes traços ou marcas do mirandês mantiveram-se e chegaram até hoje. No decorrer da segunda metade do século XX, as mudanças na organização socioprofissional das aldeias, a influência de novos hábitos e práticas trazidas pela migração, pelos meios de comunicação e pela proximidade em relação aos meios urbanos, trouxe indeléveis consequências e alterações no plano linguístico, desbotando o falares característicos destes lugares e aproximando-os do português mais estandardizado e normativo. Talvez se possa afirmar que as mudanças em relação à sociedade, à cultura e ao estilo de vida processadas nas últimas décadas foram muito mais impactantes para estes meios rurais do que as registadas ao longo dos vários séculos anteriores onde a ruralidade, a vida comunitária e a distância em relação aos grandes centros de decisão pautou de forma constante a vida destas comunidades. A língua mirandesa é indissociavelmente expressão desses modos de vida e de uma organização socioprofissional, cultural e económica de índole raiana e campesina.

A segunda perspetiva está relacionada com a minoridade e a desconsideração a que a língua mirandesa sóia ser votada, inclusive, pelos próprios falantes. As pessoas de Avelanoso até poderiam ter usado a língua no passado, mas não possuiriam uma consciência sociolinguística nem encarariam o uso do mirandês com o reconhecimento ou a relevância enquanto bem identitário que hoje granjeia. Os entrevistados expuseram que o mirandês no passado era muitas vezes visto com uma fala de gente modesta e com menos estudos que não era sequer falada na cidade de Miranda de l Douro. Quando alguém dessas aldeias a viver fora regressava para um período de férias e optava por falar português em vez de mirandês, os da terra usavam



a expressão *falar fidalgo* para se referirem ao português, visto como «mais culto, moderno ou cidadão.» (António, 72 anos).

A forma como as próprias pessoas destes meios, à época, consideravam os seus próprios usos e hábitos linguísticos como algo de somenos, com uma certa inferioridade, ou pelo menos desatualização, em contraponto com as realizações mais modernas ou cultas (a seu ver) que se praticavam noutros meios, também contribuiu para a adesão a novos costumes linguísticos e para a erosão de outros mais antigos. A discriminação ou desconsideração com que o mirandês era interpretado pelas suas gentes é um tema sobejamente abordado na literatura sobre o tema (Quarteu & Conde, 2002; Ferreira, 2004; Merlan, 2009; Ferreira e Martins, 2016), desde que Leite de Vasconcellos fomentou a sua análise académica, divulgando o mirandês para além da Terra de Miranda. Numa das suas obras, este insigne linguista descreve o extasiante encanto sentido quando ouviu pela primeira vez a expressão dessa língua até então desconhecida, em contraste com a timidez do emissor, relutante em anunciar fora dos seus domínios a essência de uma «gíria de pastores, uma fala *charra* sem regras nem normas.» (Vasconcellos, 1900, p. 5). Esta língua que sempre viveu tímida e encoberta, é hoje *charra* com brio e galhardia, patenteando um valor de ancestral identidade e singularidade cultural.

Por estes motivos, neste estudo não se considera que a língua mirandesa se tenha preservado ao longo do tempo por uma «consciência de resistência identitária.» (Ferreira, 2021, 07:18), mas sim devido à estreita e hermética homogeneidade sociocultural entre estas comunidades do Nordeste Trasmontano, num paradigma que apenas começou a mudar há pouquíssimas décadas. Na verdade, a consciência identitária é uma abordagem construída recentemente que envolve a preservação e recuperação das referências socioculturais e linguísticas mirandesas, que outrora eram quotidianas, mas não assumidas como valores identitários ímpares ou distintivos. A auto-memorização do mirandês, mas também das características dos falares próprios de outras localidades, como são exemplo, na aldeia de Avelanoso, o abandono do uso do pronome *vós* nas relações informais e de outras formas de tratamento típicas face ao contacto com formas externas ou cidadinas (Pires, 2021) são denotadores de uma reduzida consciência identitária acerca das próprias representações linguísticas e culturais. Nesta perspetiva, não foi a consciência ou resistência identitária que manteve vivo o mirandês ao largo da história, mas a reduzida interação ou interferência do exterior no seio das suas comunidades.

O uso do mirandês apenas começou a declinar a partir das alterações socioeconómicas ocorridas na sociedade portuguesa durante a segunda metade do século XX que conduziram à abertura ao exterior destas comunidades, à



migração das suas gentes, ao abandono de um quotidiano marcado pelas atividades agrícolas e pelos espaços rurais, e à aproximação ou interação com novas realidades e influências.

Não se pode deixar de sublinhar, contudo, a determinante importância da recente consciência e resistência identitária. Se as mudanças sociais tiveram como consequência ameaçar o uso do mirandês e colocá-lo perante novos desafios, são precisamente a consciência e a resistência identitárias construídas nos nossos dias que o protegem, que o nutrem e que levam a sua alma ancestral muito para além das suas terras.

O Português de Expressão Mirandesa que ainda vive na aldeia de Avelanoso decorre da contiguidade e proximidade em relação ao mirandês. O português falado nesta aldeia expressa idênticas realidades, sofre as mesmas transformações e enfrenta semelhantes desafios. Devido a esta partilha, a esta contiguidade (ou continuidade), a língua maioritária absorveu o mirandês, mas não absorveu a sua expressão, o seu meio, o seu espírito. As alterações que inquietam o mirandês, ameaçam também a expressão mirandesa do falar português de Avelanoso. Contudo, este não se encontra protegido, não é alvo de qualquer esforço em prol da sua preservação, pelo que estas marcas, cada vez mais ténues, irão desaparecer a breve prazo tão ignoradas como sempre. De entre estas realizações linguísticas de expressão mirandesa em Avelanoso, o uso do diminutivo *-ico* ou os termos ligados à toponímia da aldeia (*Faleital, Urreta, Marra*, etc.) tenderão a perdurar pela maior regularidade do seu uso, mas outras extinguir-se-ão a curto termo como o uso de *vós* enquanto forma de tratamento respeitosa, parcamente utilizado e apenas entre a população mais sénior, e vários termos ou expressões características como *Deus vos dê bons dias, dar a risa*, ou *a pormanhã*. Estas realizações linguísticas surgem nas conversas já muito raramente, apenas quando evocadas com uma grande dose de cumplicidade e revivalismo entre falantes de gerações mais velhas.

6. Considerações finais

O português falado pelas gentes de Avelanoso representa um exemplo vivo e elucidativo da glotofagia do mirandês. Neste falar encontram-se vocábulos, expressões e construções semânticas comuns ao universo do mirandês, integradas ou deglutidas pela força preeminente do português. Atente-se também que a maioria destas marcas ou vestígios corre grande risco de desaparecer a curto prazo. Este estudo permite verificar que ao contrário de há algumas décadas em que a contiguidade seria ainda mais expressiva e identificável, com a mudança social e linguística que se tem feito sentir nestas comunidades ao logo dos últimos tempos, o vocabulário utilizado nesta aldeia



afasta-se progressiva e velozmente das referências do mirandês, ou seja, dos domínios que o mirandês incorpora. Atualmente, essas referências estão presentes acima de tudo nos topónimos e em alguns usos que ainda perduram como vislumbres de um passado cada vez mais fugaz e esmorecido.

Esta pesquisa destaca a singularidade do falar de Avelanoso dentro do panorama sociolinguístico de Portugal como um caso de estudo de glotofagia de uma língua, no caso, um pós-mirandês cujos vestígios ainda se podem reconhecer. Esta é uma realidade em desvanecimento, que poderá ser partilhada com algumas aldeias circundantes. Por entre uma contiguidade histórica e social partilhada entre as comunidades raianas do Nordeste trasmontano, afloram ainda em Avelanoso os murmúrios de um mirandês expresso através do português. No fundo, um espaço onde a língua portuguesa integra e difunde uma índole secular e genuína, o Português de Expressão Mirandesa.

Referências bibliográficas

- Alves, A., & Barros, A. (2015). Mirandês, leonês, português e castelhano: glotocídio e conciliação. *Conflito e Trauma*, (pp.413-434).
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Calvet, J. L. (2005). *Linguística y colonialismo. Breve tratado de glotofagia*. San Diego: Fondo de Cultura Económica.
- Ceolín, R. (2002). Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa. *Ianua*, 3, 62-83.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2002) [1985]. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Ferreira, A. (2004). La Cidade de Miranda de l Douro i la lhéngua mirandesa. *El filandar/O Fiadeiro*, XV, 1924.
- Ferreira, A. (2010). O mínimo sobre a língua mirandesa. [Estudo publicado na Revista do Festival Intercéltico, Sendim, 2010]. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1294.html>. Acesso em: 1 dez. 2019
- Ferreira, C. (2021, Setembro 26). *Planalto Mirandês versus Terras de Miranda* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=8TrQBunF3ow>.
- Ferreira, M. B. (1995). O mirandês e as línguas do Noroeste peninsular. *Lletres Asturianas*, 57, 7-22.
- Ferreira, M. B. (2001). A situação actual da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal. *Revista de Filologia Românica*, 18, 117-136.
- Ferreira, S., & Martins, C. (2016). Capital tradutológico e defesa da língua mirandesa. Em Bautista, A., Moutinho, L., & Lídia, R. (coords.), *Ecolinguismo e línguas minoritárias: colóquio internacional sobre ecolinguismo e línguas minoritárias: uma homenagem a Amadeu Ferreira* (pp. 183-222). Aveiro: UA Editora.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.



- Gonçalves, V. (2000). Teatro popular mirandês. Seguido de um inventário dos Cascos representados na Tierra de Miranda. Em Meirinhos, J. F. (coord.), *Estudos Mirandeses: Balanços e Orientações. Homenagem a António Maria Mourinho* (pp. 151-178). Porto: Granito Editores.
- Gouveia, C. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. Em Oliveira, F., & Duarte, I, (orgs.), *O fascínio da Linguagem: Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 91-100). Porto: CLUP/FLUP.
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp.
- Mateus, M. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Meihy, J. C., & Holanda, F. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto.
- Meirinhos, L. M. (2014). *A evolução da Terra de Miranda: Um estudo com base nos Sistemas de Informação Geográfica* [Tese de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Institucional da Universidade do Porto.
- Mourinho, A. M. (1987). A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português. Em Mourinho, A. M (org.), *Actas das las Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa* (pp. 75-87). Miranda de I Douro: Sociedade Gráfica.
- Mourinho, A. M. (1993). Breves notas sobre a Língua Mirandesa desde há cem anos. Em Vasconcellos, J. L. (dir.), *Estudos de Philologia Mirandesa* (pp. 14-21). Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda de I Douro.
- Merlan, A. (2009). *El mirandés. Situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portuguesa-española*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Pires, M. J. (2021). O (o)caso do voseio português do Nordeste Trasmontano. *Fórum Linguístico*, 18(3), 6706-6716.
- Penna, R. (2020). Percursos Historiográficos e fontes orais: elementos para uma discussão. *Unimontes Científica*, 7(1), 95-106.
- Perazzo, P. (2015). Narrativas Oraís de Histórias de Vida. *Comunicação & Inovação*, 16(30), 121-131.
- Quarteu, R., & Conde, X. F. (2002). L Mirandês: Ûa Lhéngua Minoritaira an Pertual. *Ianua*, 2, 89-105.
- Santana, M. O. (2007). A Língua Mirandesa. *Latitudes*, 29, 51-56.
- Santos, M. J. (1967). Os falares transfronteiriços de Trás-os-Montes. *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, XII, XIII e XIV, Coimbra: Instituto de Estudos Românicos.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2012). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Lisboa: Edições Lidel.
- Teyssier, P. (1997). *A história da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes.
- Vasconcellos, J. L. (1900). *Estudos de Philologia Mirandesa*. vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcellos, J. L. (1901). *Estudos de Philologia Mirandesa*. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vigón, S. (2000). El mirandés nel cuadro de les llingües peninsulares. Em Meirinhos, J. F. (coord.), *Estudos Mirandeses: Balanços e Orientações. Homenagem a António Maria Mourinho* (pp. 77-83). Porto: Granito Editores.

Recibiu: 09.06.2022
 Aceutáu: 19.09.2022

